

# **“PINTOU? AGORA CHEGA! É A VEZ DO AMIGUINHO!” A EDUCAÇÃO INFANTIL REIVINDICA A EXPERIÊNCIA**

**Cristiane Januário**

Programa de Pós-Graduação - PPGE UFSC  
Orientadora: Prof. Dra. Katia Agostinho  
crisj2107@gmail.com

O presente trabalho pretende apresentar a pesquisa de Mestrado que teve como objetivo central compreender como a experiência é abordada na Educação Infantil. Nessa investigação realizou-se estudos teóricos com base na filosofia de Walter Benjamin (2009, 2012) e Jorge Larrosa (2011, 2016), e na sociologia de François Dubet (1994). A partir disso, analisou-se a luz desses autores concepções de como a experiência é abordada nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI), nos documentos da Rede Municipal de Educação de Florianópolis e nas pesquisas da área da Educação Infantil.

A experiência é tema recorrente no debate educacional e este estudo está posicionado em uma concepção de educação que busca olhar para a experiência como antítese aos saberes científicos. Nessa perspectiva, encontrou-se no referencial teórico eleito importantes contribuições dos referidos autores, para pensar o cotidiano das crianças nos espaços de educação coletiva, preocupados com uma formação humanizadora.

A metodologia empregada é pautada em uma abordagem qualitativa e análise de conteúdo realizada por meio de estudo bibliográfico e documental, que possibilitou reflexões sobre a maneira como alteramos os modos de perceber e sentir o mundo e de como essas mudanças ocasionaram significativas transformações sociais. Essas modificações implicaram em uma desvalorização de memórias compartilhadas de geração em geração, substituída por uma vivência do sujeito isolado, individualizado, realidade que é discutida e dada visibilidade neste estudo, constituindo, assim, um ato de resistência a uma educação utilitária que vem se consolidando na atualidade.

As análises apontaram um reconhecimento da criança como sujeito da experiência evidenciada no bojo das discussões tecidas pelas pesquisas e nas orientações propostas pelas DCNEI e no Currículo da Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis. Infere-se uma consideração dicotomizada da experiência nas pesquisas e documentos, pois as elaborações remetiam à experiência da criança, afastada de uma perspectiva relacional, considerando a experiência do adulto e a relação de interdependência entre os sujeitos da relação pedagógica. A partir das análises, compreendeu-se uma forte influência da experiência educativa

de Dewey (1978) na qual o pragmatismo é referência. Tanto nas pesquisas quanto nos documentos, o condicionamento da experiência ao status de experimento se mostrou recorrente.

Ao refletir sobre as implicações de estar se constituindo dentro dessa realidade complexa, de ações muito racionais e pouco sensíveis ao afeto, buscou-se com este estudo, a partir das defesas no que tange o potencial humano de ser ativo, participante, transformador, criador e recriador das relações e do contexto em que vive, reivindicar a experiência na área e o compromisso com a disposição de condições para vivê-la. Portanto, importa-nos pensar nas condições de tempo, espaço e materialidades e nas relações que estabelecemos nesse espaço de vida coletiva.

Em relação ao tempo, discutimos como ele é elemento fundante na maneira como estruturamos nossa vida, “é senhor de todos os ritmos”. Compreendemos que é sentido por cada sujeito de uma maneira. No entanto, dentro de uma realidade que o quantifica ao invés de qualificá-lo, defendemos a necessidade de mudar o tempo, isso implica em considerá-lo não mais dentro de uma perspectiva cronológica e compreendê-lo a partir de uma perspectiva sentida, vivida de forma intensa e inteira, não fragmentada. É necessário buscar respeitar o tempo de cada sujeito, ainda que na lógica que vivemos impere o tempo que nos soa das fábricas, da produção em série, da homogeneização.

Ainda que enfrentemos e resistimos diariamente a uma rotina que nos engole e a condições de trabalho que nos limitam, que tenhamos o compromisso de olhar para cada sujeito pensando na sua humanidade e na constituição da mesma com seriedade e responsabilidade por seus afetos. Portanto, precisamos garantir o sentimento do tempo que amplia as possibilidades de narrarmos nossas histórias, a abertura de tempo intenso para ouvirmos histórias. Essa mudança de perspectiva em relação ao narrar e ouvir, permite que saíamos desse modo informação sem formação; que resgatamos a faculdade de absorver o que nos deixa marca, o que nos atravessa: “Estamos informados, mas nada nos co-move o íntimo” (LARROSA, 2011, p. 13).

Sobre o espaço e materialidades, esses contam história e são suportes para a construção dela. É preciso garantir acolhida, a diversidade, as possibilidades diversas de interação e construção. É nesse lugar que o acontecimento se faz potencialmente imanente, é nesse lugar que iniciamos nossas descobertas do mundo, que precisamos gostar de estar e viver. A organização e sistematização do espaço e das materialidades contam a intenção do trabalho, nossas concepções de criança e de infância, e limitam ou potencializam as condições para construirmos e vivermos experiências.

No que tange às relações, as ações de todos importam nesse espaço, os bebês, as crianças com mais idade, assim como todos os adultos que convivem e interagem nas unidades educativas

impactarão na maneira como nossa experiência social se constituirá. Relações horizontais que possibilitem a abertura ao afeto, ao encontro com outro e ao reconhecimento de sua alteridade são necessárias para garantirmos uma formação humana que encontre espaço para a diversidade, para a construção de subjetividade e diferentes identidades de forma respeitosa e altruísta. Relações que possibilitem olhar para o outro com atenção, auscultar suas demandas e possibilitar sua participação por meio do que nos comunica ou que propõe.

Esse estudo não pretendeu esgotar toda discussão sobre experiência, mas, foi construído pensando na possibilidade do afeto, de proposições de reflexões com vistas a tocar nós, sujeitos da relação pedagógica e sujeitos pensantes da área, para nos comprometermos em sermos cuidadosos com nossas experiências e, sobretudo, com as já referidas aqui condições potenciais de experiência do outro.

Contudo, pensar na experiência sob essa perspectiva é pensar na experiência social, é refletimos sobre as implicações de estarmos nos constituindo dentro dessa realidade complexa, de ações pouco cuidadosas com a formação humana, descomprometidas com o cuidado de si e, como consequência, descompromissadas com o cuidado do outro e com o cuidado do mundo, tornando-nos racionais e pouco sensíveis ao afeto. Ponderamos sobre esse processo de subjetivação que fomos sendo submetidos ao longo de nossa existência e do quanto a experiência é potência para nos colocar em outra forma de viver. Aferimos, então, seja pelo amor, pela resistência, pela liberdade, pela revolução, pelo afeto e/ou tudo isso junto, que precisamos nos comprometer com quem chega e com que já está nesse mundo. Que reconheçamos e trabalhemos na defesa desse potencial não só da criança, mas, do humano, de ser participante, transformador, criador, recriador das relações e do contexto em que vive. Assim, reivindicamos a experiência na Educação Infantil.